

## ***I/Emigração: a mobilidade populacional em um território “italianizado” nas Minas Gerais***

Sandra Nicoli<sup>1</sup>

### **Resumo**

A imigração italiana, no Brasil, foi familiar e com maior procedência do Vêneto. O projeto imigrantista era baseado na pequena propriedade. Minas Gerais foi destino secundário dos italianos. O objetivo é analisar o movimento migratório ocorrido em Itueta e Santa Rita do Itueto no século XX. A pesquisa é de cunho qualitativo, utilizando relatos orais e entrevistas em profundidade. A chegada de famílias italianas promoveu uma nova configuração a esse território. A partida de seus descendentes tem reconfigurado o território e a economia local. Enquanto as famílias italianas objetivavam construir suas vidas no destino, seus descendentes as constroem na origem.

**Palavras-Chave:** Mobilidade populacional, território, territorialização, reterritorialização.

**Área Temática:** Demografia

---

<sup>1</sup> Mestre em Gestão Integrada do Território pelo programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Graduada em História.

## Introdução

O fenômeno migratório, compreendido neste contexto como mobilidade populacional, não é um fenômeno recente. Os deslocamentos de populações sempre existiram na história da humanidade. As migrações internas e internacionais se constituem num elemento essencial para compreensão da formação das sociedades e das identidades culturais.

No Brasil, os deslocamentos populacionais configuram as dinâmicas dos fluxos de indivíduos, que migram em busca de melhores condições de vida. O processo de formação do território geográfico brasileiro é marcado por deslocamentos populacionais. O Brasil, desde 1500, é um importante cenário onde se desenrola o fenômeno das migrações internacionais e internas.

A política imigratória<sup>2</sup>, no Brasil, voltada para a colonização de terras públicas começou a ser delineada antes da Independência, quando foi assinado por D. João VI um decreto que viabilizou o acesso à terra para estrangeiros no regime de sesmarias<sup>3</sup>. O projeto imigrantista de colonização<sup>4</sup> era baseado na pequena propriedade familiar (SEYFERTH, 2000). A autora afirma que *“tratava-se, portanto, de um sistema de povoamento de territórios considerados ‘vazios demográficos’, com o objetivo de promover uma agricultura baseada na pequena propriedade familiar”* (SEYFERTH, 2000, p. 309).

Nesse contexto, na segunda metade do século XIX, inicia-se em grande escala a imigração europeia, principalmente a italiana. As Províncias<sup>5</sup> onde se situavam as grandes lavouras de café passaram a financiar a imigração da força de trabalho. Santos (2010) realça que a imigração transoceânica trouxe, para o continente americano, milhares de europeus de origem camponesa. A imigração europeia significou muito para o Brasil e, nesse sentido, a imigração italiana foi particularmente relevante (BONI, 1990).

Segundo Trento (1989), a imigração italiana para o Brasil teve início a partir dos anos de 1870, transformando-se em um fenômeno de massa anos depois. A corrente imigratória italiana, no Brasil, revelou as seguintes especificidades: houve o predomínio da imigração familiar e a região do Vêneto foi a que mais forneceu imigrantes conforme ressalta Bassanezi (1995).

O fluxo de estrangeiros de maior intensidade em Minas Gerais foram os italianos. Mesmo que Minas não tenha tido grande destaque em relação à imigração europeia, os italianos se sobressaíram nesse Estado (MONTEIRO, 1994).

O presente estudo tem como objetivo analisar o movimento migratório ocorrido em Itueta e Santa Rita do Itueto<sup>6</sup> nas Minas Gerais a partir do início do século XX. A chegada de famílias de origem italiana promoveu uma nova configuração a esse território, inserindo novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores. A partida de seus descendentes, das gerações mais novas, para a Itália, a partir do final do século XX e início do século XXI, tem reconfigurado o território e a economia local.

A Mesorregião do Vale do Rio Doce fez parte da estratégia governamental de colonização, tornando-se a última região mineira a ser colonizada (ESPÍNDOLA, 2005). E foi nessa conjuntura que as localidades de Itueta e Santa Rita do Itueto, no início do século XX, foram palco da chegada de diversas nacionalidades de imigrantes tais como: italianos, alemães (pomeranos), portugueses, espanhóis e de migrantes de origem brasileira. Realça-se, inicialmente, que a presença da origem italiana se tornou marcante, ao longo dos anos, em relação às outras nacionalidades.

---

<sup>2</sup> Entende-se por política migratória toda política que, de forma direta e explícita, gera avaliações, objetivos e práticas relativas a estímulo, direcionamento, ordenamento e acompanhamento de deslocamentos espaciais de população (VAINER, 2000).

<sup>3</sup> O regime de Sesmarias foi um instituto jurídico português que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção. É na distribuição das terras que está à origem do sistema, ou seja, uma política de povoamento estendida nas colônias portuguesas (SEYFERTH, 2000).

<sup>4</sup> O governo imperial criou, em 1876, a Inspectoria Geral de Terras e Colonização, responsável pela definição de uma orientação unitária à introdução de imigrantes europeus no Brasil (DADALTO, 2009).

<sup>5</sup> Até 1889, o regime governamental do Brasil era a Monarquia, assim, os atuais Estados brasileiros eram tidos como Províncias, com divisões diferentes das atuais. Somente a partir do regime republicano é que se pode falar Estado.

<sup>6</sup> Tais localidades fazem parte da Microrregião de Aimorés situada na Mesorregião mineira do Vale do Rio Doce.

Para uma melhor compreensão desse movimento populacional<sup>7</sup> de chegada e de partida, trabalhamos com a memória dos descendentes mais antigos dessas famílias de imigrantes italianos a partir dos relatos orais e, com as falas dos descendentes emigrantes a partir de entrevistas em profundidade e da análise dos referenciais bibliográficos que abordam a temática. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando relatos orais<sup>8</sup> e entrevistas em profundidade<sup>9</sup>. O artigo será dividido em duas partes, a primeira contemplará a chegada e a territorialização<sup>10</sup> das famílias de origem italiana em solo mineiro e a segunda, a partida de seus descendentes para a Itália.

Destaca-se que as narrativas efetuadas por meio da metodologia da História Oral<sup>11</sup> foram de fundamental importância. Tal metodologia permite o registro de práticas, costumes, identidades e tradições referentes à origem. Contribuindo assim, na compreensão do processo de adaptação e de integração no novo ambiente (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013)

Com a contribuição da metodologia da História Oral damos vozes aos atores sociais que através das narrativas destacam suas presenças como sujeitos históricos que se construíram e reconstruíram, e ainda constroem e se reconstróem na dinâmica da vida social. Khoury (2004) compreende as narrativas como atos interpretativos, pois considera as narrativas como práticas sociais e como expressões da experiência vivida. Nas falas dos sujeitos importa perceber a relação entre os fatos narrados e os significados construídos, pois as narrativas são expressões da consciência de cada um sobre a realidade vivida.

## **O Sertão e as transformações a partir do final do século XIX**

Segundo Espíndola (2005), o Sertão do Rio Doce, durante séculos, foi visto pelos governos como um local de riquezas e por esse motivo protegido. Ao perceberem que não existiam os minerais preciosos, a partir do século XIX, começam a divulgar que as terras eram propícias para a agricultura e para o povoamento às margens do Rio Doce<sup>12</sup>. Até o final do século XIX, os avanços em relação à ocupação definitiva do Sertão do Rio Doce foram bem discretos, pois esse ainda continuava dominado pelos índios Botocudos<sup>13</sup> e por uma extensa floresta. A pouca ocupação se dava em alguns núcleos isolados (ESPÍNDOLA, 2005).

Contudo, no início do século XX, por volta dos anos de 1903, o Vale do Rio Doce via sua paisagem sendo modificada com a abertura da floresta para a construção e fornecimento de carvão para a Estrada de Ferro<sup>14</sup> Vitória a Minas que em 1942 passa a ser administrada pela Companhia Vale do Rio Doce- CVRD.

O desejo de construção de uma ferrovia ligando Minas ao litoral espírito-santense existia desde meados do século XIX, porém somente em princípios do século XX é que se dá o início da

---

<sup>7</sup> Este estudo faz parte da dissertação de mestrado intitulada: “/Emigração em Itueta e Santa Rita do Itueto – A chegada dos *nonos* e a partida de seus descendentes para o norte da Itália”. Assim, o campo de pesquisa foi em Minas Gerais.

<sup>8</sup> Foram colhidos e analisados 29 relatos orais com descendentes mais antigos residentes na região e/ou proximidades.

<sup>9</sup> Foram colhidas e analisadas 15 entrevistas em profundidade com descendentes que emigraram para a Itália.

<sup>10</sup> Engloba ao mesmo tempo aquilo que é fixação [enraizamento] e aquilo que é mobilidade (HAESBAERT, 2007).

<sup>11</sup> Esta é uma metodologia de pesquisa de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX e consiste na realização de entrevistas gravadas. Ressaltamos que a fonte oral, além de coletada, deve ser interpretada e analisada cuidadosamente e que, em função de sua natureza diversificada e estreitamente vinculada ao cotidiano, favorece uma pesquisa com espaço para falas de sujeitos, em geral, anônimos (SILVEIRA, 2007, p. 03).

<sup>12</sup> A Bacia Hidrográfica do Rio Doce têm seu território geográfico localizados na região centro-leste de Minas Gerais e, na região centro-norte do Espírito Santo. O Rio Doce, principal rio da Bacia Hidrográfica que recebe seu nome, nasce no município de Ressaquinha (MG) e deságua no oceano Atlântico, no município de Linhares (ES). Fonte: ([www.caminhoaguas.org.br](http://www.caminhoaguas.org.br))

<sup>13</sup> Segundo Espíndola (2005, p. 422) “A antropofagia dos Botocudo também não se encontra fundamento na documentação das divisões militares, não passando assim, de acusações para justificar as investidas contra eles e seus territórios, dentro da tradição portuguesa do conceito de guerra justa”.

<sup>14</sup> Destaca-se que a construção da EFVM foi o principal caminho de entrada utilizado no interior do Sertão do Rio Doce. Segundo Brito e Pinheiro (2009), a construção de uma rede de transporte ligando a região central mineira ao litoral espírito-santense foi de fundamental importância para a economia e povoação do Sertão.

construção da ferrovia. Em 1902 foi decretada a construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas – EFVM, tendo essa passado por mudanças em relação ao seu percurso inicial, com a descoberta de minério de ferro em Itabira/MG. Em 1908, a EFVM já contava com considerados quilômetros de extensão construídos. Inicialmente vista como eixo exportador de minério de ferro, ligando Minas Gerais e Espírito Santo, a ferrovia foi avançando e penetrando pelo Vale do Rio Doce (BRITO e PINHEIRO, 2009). Como parte da CVRD, a EFVM iniciou uma nova fase de desenvolvimento para Minas e Espírito Santo com transporte de cargas do interior para o litoral. A ferrovia teve papel importante no desenvolvimento da região do Vale do Rio Doce e do país.

Podemos afirmar que a conquista do Sertão, sendo esse, atualmente, parte da Mesorregião mineira do Vale do Rio Doce, não se deu efetivamente pelo Rio Doce, mas devido à construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), que provocou grandes expectativas para a economia da região (ESPÍNDOLA, 2005). A construção da ferrovia foi, segundo Espíndola (2000), o principal fator de aceleração para colonizar o Vale do Rio Doce. O movimento de ocupação do litoral para o interior somente tornou-se expressivo depois da ferrovia.

Enfatiza-se que um dos primeiros benefícios da ferrovia foi a ligação comercial entre terras mineiras e espírito-santenses. Outro aspecto importante foi a possibilidade de transporte oferecida aos migrantes que optassem por construir uma nova vida em outras terras, nesse caso, nas terras do “Sertão” (ESPÍNDOLA, 2005).

No início do século XX, as localidades mineiras de Itueta e Santa Rita do Itueto viram suas férteis terras sendo povoadas por migrantes de origem brasileira, portuguesa, espanhola, alemã (pomerana) e por um contingente expressivo de origem italiana. Nessa conjuntura, por volta dos anos de 1920, diversas famílias de imigrantes italianos chegam a estas localidades mineiras.

Trouxeram além da pequena bagagem essencial para a sobrevivência, os sentimentos de insegurança, esperança e sonhos na nova vida de migrantes em território desconhecido. Recorremos, aqui, ao que Marandola e Dal Gallo (2010) descrevem sobre a experiência da migração - para esses autores, migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de redefinições das territorialidades, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados. Portanto, implica sair dos territórios de segurança e lançar-se ao mundo, a lugares de pouca ou nenhuma familiaridade. Assim, o destino representa uma nova realidade para o migrante em termos tanto culturais quanto espaciais.

### **As famílias de origem italiana que chegaram às terras mineiras. Quem são e de onde vieram**

Recorrendo aos estudos sobre a imigração italiana no Brasil, mais especificamente sobre a procedência regional e o perfil, é possível constatar que a migração de origem italiana para as terras mineiras em estudo segue o mesmo padrão. Portanto, os migrantes que se destinaram para as localidades de Itueta e Santa Rita do Itueto eram, em sua maioria, famílias camponesas oriundas do Norte da Itália, principalmente da região do Vêneto. Cabe destacar que os imigrantes italianos chegaram numa proporção menor, se comparados aos seus descendentes nascidos em terras brasileiras. Esses descendentes eram, em sua maioria, nascidos no interior do Espírito Santo<sup>15</sup>, mais precisamente nas regiões<sup>16</sup> de Alfredo Chaves e Castelo, no sul do Estado.

Destaca-se que a maioria desse grupo em estudo, imigrou primeiramente, quando desembarcaram em solo espírito-santense, para a região de Alfredo Chaves. Após alguns anos, devido, sobretudo, ao crescimento populacional dessa região e a oferta de novas terras em outras regiões espírito-santenses<sup>17</sup>, muitas famílias de imigrantes italianos optaram por migrar para a região de Castelo, que ainda estava praticamente inabitada e o preço da terra era mais acessível.

---

<sup>15</sup> Se comparada a outros Estados brasileiros, a imigração para o Espírito Santo foi pouco numerosa, porém a introdução do imigrante europeu se deu de forma marcante nas terras espírito-santenses (BUSATTO, 1990).

<sup>16</sup> Por compreender que no momento da chegada dos imigrantes italianos, a partir da segunda metade do século XIX, o Espírito Santo não possuía a atual divisão territorial, utilizaremos o termo região.

<sup>17</sup> A migração interna no Espírito Santo ocorreu primeiramente na parte sul. O povoamento de grande parte do norte do Estado ocorreu tardiamente, se comparado ao sul (DADALTO, 2009).

Portanto, partem famílias de imigrantes italianos, tanto da região de Alfredo Chaves quanto de Castelo para as terras de Itueta e Santa Rita do Itueto. A rede de parentesco, amizade e informações cumpriu papel fundamental na decisão de migrar para Minas Gerais. Na figura 01 é possível observar os pontos de partida (ES) e chegada (MG). Realça-se, no entanto, que no momento histórico analisado, a delimitação geográfica não possuía os contornos atuais.

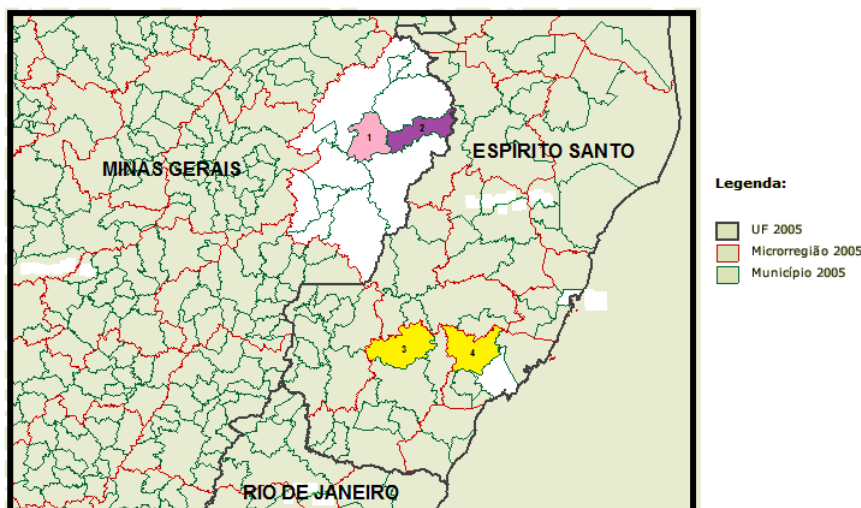


Figura 01: Espírito Santo e Minas Gerais - Pontos de partida e de chegada.

Fonte: Elaboração Mauro Augusto dos Santos. Base de dados cartográficos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Relação dos municípios: 1. Santa Rita do Itueto; 2. Itueta; 3. Castelo; 4. Alfredo Chaves.

Enfatiza-se que as localidades ressaltadas na figura acima, são tipicamente rurais, prevalecendo propriedades de caráter familiar. A base econômica está fundamentada na agricultura. A produção cafeeira e a pecuária leiteira constituem as principais atividades econômicas dessas localidades. Enfatiza-se que a configuração social do território foi marcada pela pequena propriedade rural e pela cultura cafeeira conforme afirmou Nicoli (2014).

Trabalharemos, portanto, nessa parte do artigo, com o grupo de imigrantes italianos que se estabeleceram no interior do Espírito Santo, especificamente os da região de Alfredo Chaves e Castelo, e que, depois de alguns anos, migraram para as terras mineiras localizadas próximo à divisa interestadual. No entanto, para compreendermos os fatores decisivos para optarem por migrar para as terras mineiras em estudo, é preciso recorrer, de maneira sucinta, à trajetória dessas famílias de imigrantes italianos em solo espírito-santense até o momento da decisão de migrar para o solo mineiro.

### **Em solo espírito-santense: Alfredo Chaves e Castelo**

Ao chegarem em solo espírito-santense, as famílias italianas eram direcionadas para localidades praticamente inabitadas, ou seja, para o interior do Espírito Santo, em especial para a região sul, que contou com um número expressivo de imigrantes em suas terras (DADALTO, 2009).

Segundo Grosselli (2008) o clima era bem quente e úmido e a floresta, em muitas regiões, encontrava-se praticamente intocada. Não havia casas e nem campos abertos, apenas a floresta os esperava.

Com o anseio em ocuparem e cultivarem o solo; muitas famílias chegavam à região sul através dos rios, navegando ou utilizando picadas às suas margens. Aos poucos foram se formando vilas, povoados e municípios, configurando assim, o espaço físico e a ocupação das terras espírito-santenses (NICOLI, 2014).

Destaca-se que as primeiras famílias recebiam um lote de terra<sup>18</sup>, sempre margeando o rio. Com a chegada de outras levas de imigrantes os lotes foram se distanciando das margens do rio, e aos poucos o território geográfico do Espírito Santo foi se transformando pelas mãos dos imigrantes italianos. O Sr. M. Ton<sup>19</sup> relata as narrativas da avó sobre a ocupação desse território geográfico.

*Lá, eles contam que eles ficaram em Benevente né. Quando chegou as famílias em Benevente, [...] e eles foram pra abrir a terra berando o Rio Benevente<sup>20</sup> né. Então berando o rio, a terra [...] saía cumprida, tombava morro pra lá né. [...] pra que eles abrisse tudo de uma vez. Então eles formaram em grupo, [...]. Sempre preferiam pegar mais junto né, aí dirrubaram a beira do rio toda de uma vez assim. No rio só vinha estreita né. [...], então todo mundo ficou beirando o rio. Do outro lado já eram outros. [...], então distamparam a região duma vez. (pausa). E eram muitas famílias! [...] distamparam o rio todo. (M. Ton, 77 anos, Santa Rita do Itueto).*

Nesse contexto, é possível confirmar o objetivo de povoamento do projeto imigrantista do Espírito Santo, conforme enfatizado por Dadalto (2009), e confirmado por Colbari (1997), quando argumenta que, com o objetivo de colonizar e povoar extensas áreas desabitadas e improdutivas, os núcleos coloniais espírito-santenses foram constituídos de pequenas propriedades cultivadas pelos imigrantes.

Ao descrever sobre a chegada e o cotidiano das famílias italianas no Espírito Santo, Nicoli e Siqueira (2012) comenta que estas enfrentaram o clima tropical e animais selvagens, desbravaram os locais pouco habitados até a sua chegada. Plantaram, colheram, construíram suas casas e formaram numerosas famílias – vistas como unidades de produção. Assim, em poucos anos de fixação no solo espírito-santense já era possível perceber o considerado crescimento populacional e o desenvolvimento das localidades.

Conforme realça Dadalto (2009), a integração dos imigrantes italianos à agricultura no Espírito Santo encontrou várias barreiras. Em primeiro lugar, eles vinham de outro aprendizado de produção. Aliada a isso, houve também uma falta de política de orientação, objetivando ajudá-los a se adaptarem ao novo ambiente. Eles viveram numa sociedade eminentemente rural, alojados em colônias, isolados dos principais centros de comercialização e da produção político-cultural.

O verde das florestas foi se transformado em verdes de lavouras de café pelas mãos dos imigrantes italianos, confirmando assim a informação de Busatto (1990) de que os imigrantes vinham com o objetivo de praticar agricultura.

A confirmação também ocorre na narrativa da Sra. N. Nicoli quando relata que as famílias de imigrantes italianos foram levadas para localidades inabitadas, com a finalidade de povoarem e desenvolverem a cultura cafeeira no Espírito Santo.

*[...]. Vieram de navio, desembarcaram em Vitória. Aí o governador do Estado naquela época trouxeram pras mata [...]. Colocaram eles nas mata. [...] Trabalhar, plantar café. Porque o governo do Estado naquela época queria renda. Aí porque quê ele levava pras mata? Pra poder dirrubá as mata, plantá o café, pra colheita do café dá lucro. (N. Nicoli, 58 anos, Itueta).*

Enfatiza-se que esse contingente familiar foi o responsável pela produção de uma agricultura para exportação, em pequenas propriedades. Isso ocorreu devido à orientação dada aos imigrantes,

<sup>18</sup> O tamanho dos lotes de terra adquiridos pelos imigrantes italianos no Espírito Santo ficava em torno de 25 hectares (POSENATO, 1998, p. 236). No entanto, em trabalho de campo foi constatado a ocorrência de erros de demarcação, podendo existir lotes com dimensão bem inferior.

<sup>19</sup> Destaca-se que a identificação dos sujeitos será feita pela letra inicial do nome e pelo sobrenome de descendência italiana, a idade e o local de residência. Dessa maneira, estaremos preservando o anonimato do narrador e demonstrando alguns sobrenomes de origem italiana residentes nas localidades em estudo.

<sup>20</sup> A Região Hidrográfica do Rio Benevente se localiza no sul do Espírito Santo, abrangendo os atuais municípios de Alfredo Chaves e Anchieta em sua totalidade e, parcialmente, os atuais municípios de Guarapari, Iconha e Piúma. A nascente do Rio Benevente localiza-se em Alfredo Chaves e sua foz em Anchieta. Fonte: (www.alfredochaves.es.gov.br).

centrada na formação de lavoura de café - o incremento da cultura cafeeira no Espírito Santo ajudou a promover o desbravamento, culminando no seu desenvolvimento (DADALTO, 2009).

Realça-se também que, no contrato firmado entre os governos da Itália e Espírito Santo, havia os direitos e deveres a serem cumpridos pelo Estado e pelos imigrantes. Dos deveres do imigrante italiano, um era o compromisso de que, após seis meses do recebimento do lote, já deveriam existir uma área roçada e plantada de aproximadamente meio hectare e uma casa construída. A obtenção do título definitivo ocorreria somente depois de cumpridos todos os compromissos com o governo, como destaca Colbari (1997).

Considerando que o objetivo do projeto imigrantista do Espírito Santo era o desbravamento e povoamento baseados na pequena propriedade familiar, com a formação das novas famílias constituídas pelos filhos dos imigrantes italianos, as primeiras propriedades destinadas a eles se tornaram pequenas em relação ao aumento do núcleo familiar. Culminando assim, na necessidade de mais terras para a produção agrícola e para o sustento da família (NICOLI, 2014).

Na narrativa do Sr. J. Baptistin é possível perceber que os imigrantes italianos foram desbravando, povoando e formando novas famílias no interior do Espírito Santo.

*[...] Eles eram uma família grande né, e [...] depois o pessoal foi crescendo, foi derrubando mata e o povo foi crescendo, [...]. Lá no Espírito Santo. [...] Tudo ali. E ali foram [...] se espalhando esses italianos. [...] Se espalharam assim, [...] foi nascendo filhos né, [...] e netos, juntou muita gente. [...] então eles queriam mata, começou a se espalhar [...]. (J. Baptistin, 85 anos, Conselheiro Pena).*

Uma das primeiras opções, diante da necessidade de outras terras para as novas famílias constituídas, foi à migração para locais mais próximos à região de Alfredo Chaves que ainda estavam praticamente inabitados. Conseqüentemente, a migração interna no Espírito Santo aconteceu num período em que houve a constituição de numerosas famílias descendentes de imigrantes, e não havia a possibilidade de sustentar toda a prole apenas com o pedaço de terra adquirido no momento da chegada em solo espírito-santense conforme ressaltou Nicoli (2014).

Entre as localidades escolhidas pelos filhos dos imigrantes está a região de Castelo. O povoamento dessa região contou com a participação das famílias de imigrantes italianos a partir do final do século XIX. Destaca-se que os colonos eram agricultores vindos da Itália e de outras regiões do Espírito Santo (CASAGRANDE e BARBIERO, 2012).

Recordando o que o pai e o irmão mais velho contavam sobre a ida de Alfredo Chaves para Castelo, o Sr. A. Nicoli<sup>21</sup> relata a existência de uma grande fazenda na região pertencente a um cafeicultor que utilizava mão de obra escrava. A fazenda<sup>22</sup> entrou em decadência econômica, por razões desconhecidas, e foi adquirida pela congregação religiosa dos Agostinianos. Um dos religiosos, juntamente com o governo estabeleceu a vinda de famílias de imigrantes italianos, no intuito de povoarem a região baseando-se na pequena propriedade familiar.

*De lá a história é essa: havia uma fazenda [Fazenda do Centro] lá de dois mil e oitocentos alqueires de terra. Era dos escravos, [...]. Um casão [...] alto, [...] um desajeiro. É um trem bonito, [...]. [Depois da escravidão] o vigário do lugar lá, ele ajeitou uma maneira com o governo [...], compraram essa terra que era [...] do fazendeiro. [...] E aí o padre começou a medir tudo em lote de cinco (05) alqueire. [...] Ele foi levando esse povo pra lá e vendeu. Não deu, vendeu. O padre vendeu pra eles, cinco (05) alqueire de terra pra cada um. Ele fez as escrituras, fez tudo bonitinho, certinho, [...]. Da terra que eles [imigrantes italianos] tinha ganhado do governo cá, venderam cá [referindo à região de Alfredo Chaves]. Ajeitaram e foram pra lá [referindo à região de Castelo]. O padre foi colocando essas família tudo, tudo de orige, tudo, tudo orige, tudo gente que veio de [Alfredo Chaves]. [...].*

<sup>21</sup> A identificação, como descrito anteriormente, será feita através da letra do primeiro nome e do sobrenome. Dois descendentes, participantes da pesquisa, possuem o primeiro nome com a letra A, são da mesma família e com a mesma idade. Sendo assim, a identificação desses terá além da primeira letra do nome e sobrenome, a numeração 1 e 2 para distingui-los.

<sup>22</sup> Atualmente é conhecida como “Fazenda do Centro”. Localizada aproximadamente há 11 km da sede municipal de Castelo/ES.

*A fazenda era grande, quase que era tudo mato. Tinha as aberta, onde que era a sede da fazenda. [...], muito café né. Naquele tempo o negócio era café né. [...] Era mata pura. Não havia estrada, havia picada [...] pra chega nas terra. [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).*

Segundo Paula (2013) o casarão, situado na sede da Fazenda do Centro, é testemunha de um período marcado pela mão de obra escrava e de senhores latifundiários, de uma sociedade dividida fundamentalmente nestas duas classes. Sobre a mudança de uma fazenda latifundiária em um núcleo colonial, Paula (2013, p. 20-21) descreve:

*Foi-se a escravidão, veio a ruína. Dos escombros, brotou novamente a vida no local, sob uma nova estrutura latifundiária e econômica: antes, a Fazenda do Centro, latifúndio dos senhores de escravos; depois, o Núcleo Colonial da Fazenda do Centro, de um grupo de frades espanhóis e algumas famílias, em sua maioria, de imigrantes italianos ou seus descendentes. [...]. Todos estes descendentes de imigrantes italianos têm algo em comum, além das origens de seus antepassados: são pequenos proprietários, cujos avós vieram das colônias nos arredores de Alfredo Chaves, acompanhando um frade agostiniano recoleto, [...].*

Confirmando que as famílias italianas foram para a região de Castelo com o objetivo de formarem lavouras de café nas novas propriedades adquiridas pela família, o Sr. A. Nicoli 2 relata.

*E ali eles derrubaram um pedaço de mata pra cada um. [...] E ali eles apossava, [...] e daí eles ia trabalhando, derrubando uma mata, formando mais café, aumentado a casa mais um pouquinho. [...], eles tinha muito café formado e trabalhava todo mundo. [...], é menino, mulher, todo mundo ia pro serviço. [...] Da manhã à noite. Muito trabalhadores, formaram muito café. A vida deles foi no café. Não foi boi e outras coisa não. Colhia muito café. [...].(A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).*

Realça-se que, diferente das famílias de imigrantes italianos que utilizaram o rio ou as picadas para adentrar no interior do Espírito Santo, as novas famílias constituídas em solo espírito-santense utilizaram as picadas e a Estrada de Ferro Sul<sup>23</sup>.

A partir de algumas narrações sobre a vivência na região de Alfredo Chaves e Castelo, é possível perceber que as famílias de imigrantes italianos transformaram as localidades em um território apropriado e construído, a partir das relações sociais estabelecidas, que se materializaram e se reproduziram, desde a chegada ao Espírito Santo. Conforme ressaltado por Saquet (2003), o território é apropriado e construído socialmente, fruto do processo de territorialização, e a territorialidade é o desenrolar de todas as atividades diárias que se efetivam, seja no espaço do trabalho, do lazer, na família etc.

Sendo assim, é possível enfatizar que a região de Alfredo Chaves com seu território geográfico ocupado por famílias de imigrantes italianos vindas da região do vêneto, no norte da Itália, a partir de 1878 e, a região de Castelo ocupada por famílias italianas também do norte, a partir de 1890 e, das novas famílias constituídas pelos filhos dos imigrantes em solo espírito-santense, foram tomando novos contornos com a ocupação e cultivo do solo por essas novas famílias.

De tal maneira que, ao longo dos anos, o espaço físico do Espírito Santo, na região onde se estabeleceram as famílias italianas e seus descendentes, foi se transformando num território geográfico onde predominou a pequena propriedade familiar. Entretanto, com o passar do tempo, configurou um panorama de estagnação econômica<sup>24</sup> e de impossibilidade de garantir o sustento das

<sup>23</sup> O empreendimento iniciou-se nos anos de 1892 (início da construção) sob o controle do Estado, indo até os anos de 1907. Depois passou para a iniciativa privada. O primeiro projeto ferroviário foi materializado na região sul do Espírito Santo provavelmente pelo motivo de, ao longo da segunda metade do século XIX, essa região ter se destacado pelo crescente incremento na produção cafeeira impulsionada pela chegada dos imigrantes. Fonte: (<http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>).

<sup>24</sup> Segundo Dadalto (2009) essa estagnação econômica era resultado da falta de infra-estrutura para o escoamento do excedente de produção aliada à falta de mais terras para que os numerosos filhos dos imigrantes pudessem produzir.



novas famílias, constituídas pelos filhos dos imigrantes italianos, resultando um contexto de fracionamento da terra. Diante da situação, uma alternativa foi uma nova migração, agora com destino às terras mineiras localizadas na divisa interestadual. O motivo dessa escolha era a qualidade e o baixo valor das terras, a abundância de nascentes de água, e as florestas conforme ressaltou Nicoli (2014).

### **Em solo mineiro: a formação do território “italianizado”**

Assim como as famílias italianas que partiram da Itália para o Brasil, na segunda metade do século XIX, as novas famílias constituídas pelos filhos dos imigrantes estabelecidos no interior do Espírito Santo optaram por migrar, quando suas pequenas propriedades já não ofereciam mais condições para o sustento da família. Nesse sentido, o grande anseio dos filhos dos imigrantes era de se tornarem também proprietários de terras, já que as terras adquiridas pelos pais, no momento da chegada ao Espírito Santo, tornaram-se pequenas para o sustento de toda a prole.

Neste ponto é interessante enfatizar que, além do benefício comercial oferecido pela ferrovia<sup>25</sup>, outro benefício, conforme ressaltou Espíndola (2005), foi a possibilidade de transporte oferecida aos migrantes. Destaca-se que tanto a Estrada de Ferro Sul quanto a Estrada de Ferro Vitória a Minas foram fundamentais para a realização do desejo de migrar rumo às terras mineiras.

Chegando ao solo mineiro, uma das belezas que mais impressionou as famílias de imigrantes italianos e seus descendentes nas terras de Itueta e Santa Rita do Itueto foi a enorme floresta. Como um pano de fundo, verde, era o primeiro cenário que se descortinava aos seus olhares. Esse cenário se tornava ainda mais encantador na medida em que o sentimento de concretizar seus objetivos se tornava mais intenso. Por isso, ao se perguntar aos descendentes mais antigos residentes na região, como eram as localidades quando ali chegaram os seus antepassados ou quando eram crianças, é muito comum responderem de imediato: “*Era Mata Pura!*”

*[...] Meu pai quando veio para Minas, [...] era mata purinha. [...] Santa Rita era mata pura! A cidade mesmo de Santa Rita não tinha nenhuma casa. (pausa). Não tinha nenhuma casa. Era mata pura! (A. Bersan, 94 anos, Resplendor).*

Outra atração era a existência de nascentes de água em grande quantidade, que significava produção e prosperidade.

*Porque a intenção do italiano na época era muito simples. Era uma vida simples que eles tinham. Eram de chegar num lugar onde tivesse uma água alta, pra eles produzir ali, um milho, ter uma vaquinha de leite, fazer um queijo e fazer o fubá e fazer a polenta e comer com queijo. Essa é a base da alimentação deles. [...], olhavam muito esse lado. (J. Ton, 65 anos, Santa Rita do Itueto).*

*[...] os italiano antigo falava assim: “aonde é que tem muita água e tem queda de água, tem prosperidade.” (J. Magri, 67 anos, Santa Rita do Itueto).*

A terceira atração era a fertilidade do solo. Como a ocupação ainda era tímida, havia muitas terras boas para o cultivo e produção. Para Espíndola (2005), a fertilidade das terras, após a derrubada da mata/floresta, era o principal fator que impulsionava a ocupação do Sertão. Portanto, a fertilidade e o preço baixo das terras se comparados a outras localidades, foi o principal fator de atração das famílias de origem italiana que optaram por migrar para as terras mineiras.

*[...], é muita fartura. Eles só falam que tinham muita fartura. Que nossa mãe! Aqui era uma benção, que tudo que plantava até estragava, fartura demais! [...] Porque tudo que prantava dava com fartura, né. (J. Magri, 67 anos, Santa Rita do Itueto).*

---

<sup>25</sup> A Estrada de Ferro Sul fazia o transporte do interior do Espírito Santo para a capital Vitória, e a Estrada de Ferro Vitória a Minas fazia o transporte até a divisa interestadual (NICOLI, 2014).

O Sr. A. Nicoli 1 narra que, quando os filhos dos imigrantes italianos no interior do Espírito Santo formaram família, as terras adquiridas pelos pais se tornaram pequenas. Guardada uma reserva financeira, optaram por migrar para as terras mineiras.

*Eles eram tudo casado sabe.? Então êis começo adquirir filho, essas coisas... E lá a propriedade era muito pequena e já tinha um dinheirinho guardado lá e vieram para aqui porque aqui os terreno era baratinho né. Então eles veio e se possiaram aqui. [...] Barato. Baratinho [se referindo ao preço da terra em Minas]. (A. Nicoli 1, 81 anos, Itueta).*

A migração interna, segundo Dadalto (2009), tinha como objetivo a procura de mais e melhores terras – projeto que vieram construir e concretizar por meio do árduo trabalho, utilizando estratégias individuais e coletivas capazes de garantir a sobrevivência.

Em relação à migração interna, o Sr. M. Ton faz a seguinte observação:

*Ao decidirem emigrar para Minas estes adquiriam mais terras com preços mais em conta em relação ao Espírito Santo e para a sobrevivência da família mais terras teriam. E os que ficaram [ES] passariam a ter mais terras, pois houve o esvaziamento das terras por algumas famílias. Então, era solução para quem permanece [ES] e para quem migra [MG]. (M. Ton, 77 anos, Santa Rita do Itueto).*

Nicoli (2014) ressalta que as famílias de imigrantes italianos e seus descendentes possuíam um elevado conhecimento de técnicas para trabalhar na terra e contavam com grande força física.

[...] e a experiência adquirida em solo espírito-santense, na chegada, foi de essencial importância para iniciarem uma vida nova nas terras pouco habitadas do Sertão do Rio Doce. A agricultura foi, portanto, a base econômica da ocupação humana nas terras mineiras de Itueta e Santa Rita do Itueto (NICOLI, 2014, p. 87).

Para as famílias de origem italiana, a terra tem uma importância significativa. Ainda crianças aprendem o cuidado para com ela. Conforme Franzina (2006) *apud* Dadalto (2009), a terra significava, para as famílias imigrantes, o porto para o qual se voltavam todas as esperanças, talvez até a meta das maiores ambições. Nessa acepção, a posse da terra era um desejo que representava o prêmio dos esforços de todo o árduo trabalho e da possibilidade de ascensão social, a partir da pequena propriedade. Há uma tradição das famílias de imigrantes italianos de apego à terra que qualifica o espaço e o aprofunda. Assim, o apego ao solo o torna abrigo de histórias e valores, conforme afirma Pierron (2003).

Segundo os descendentes mais antigos, os pais e os avós (*nonos*<sup>26</sup>) sempre contavam como foram difíceis a vinda, a chegada e a instalação, dificuldades essas observadas através das narrativas. Realça-se que está presente na maioria dos relatos a descrição dos tempos difíceis, a derrubada da mata, a construção das primeiras casas para abrigo da família e a formação das primeiras lavouras.

*A vinda pra cá naquela época era bem difícil, porque trem de ferro naquela época era tocado à lenha [...]. É Maria Fumaça é. Era demorado vim de lá aqui. Eles levaram dois dia dá onde eles morava pra vim pra Castelo [...]. Eles pegava o trem de ferro pra Vitória. E vieram. Eles venderam tudo os trem que tinha. Eles só trouxeram os menino e uma bagagemzinha pouca, [...] porque era longe de Itueta pra vim onde ele morou aqui, onde ele comprou. Era quase mata pura, estrada ruim. [...] os meninos começaram a chorar porque diz que tava com fome, [...] o papai acabando de pregar as tabinhas... a mamãe chorando, [...] chorando querendo voltar pra Castelo. Saí de um lugar santo pra vim pra um lugar desse, no meio de uma mata... (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).*

*[...] naquela época, [...]. Aqui era mata pura! Cê vê eles conta! Era mata purinha, purinha! Ai êis [...] fazia [...] aquelas barraca. Ai, ali eles ficava e começava a dirrubá pra pode começar a vida. (A. Benicá, 73 anos, Itueta).*

---

<sup>26</sup> É a maneira que os descendentes de imigrantes italianos chamam/tratam os avós e bisavôs.

*Tudo mata pura. Lutando com dificuldade e tali, foi assim. A vida aqui foi trabalhar, lutar e trabalhar.* (S. Daros, 97 anos, Santa Rita do Itueto).

As experiências relatadas mostram a difícil tarefa de transformar aquele espaço em um território. A Mata Atlântica não apresentava condições para viver e a decisão de sair de um território conhecido, levava os desbravadores a pensar que deixaram um lugar santo. A família deveria transformar a mata em terras cultivadas e moradia, mas talvez o desafio maior seria *re-significar* a mata como oportunidade de trabalho e de enriquecimento. Na realidade, a terra comprada era apenas uma projeção, um projeto de futuro que, no momento da chegada, se apresentava bem distante do sonho acalentado em cultivar boas porções de terra (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

Segundo Scalzer (2015, p. 142) “*o contato com a floresta foi um dos primeiros desafios que o imigrante teve que enfrentar no seu processo de reterritorialização*”.

O novo território nas terras de Itueta e Santa Rita do Itueto, apesar de inóspito, se constituía na oportunidade de reviver o sonho dos primeiros imigrantes italianos que vieram para o Brasil, mais precisamente para o Espírito Santo, com a promessa de terra farta e inteiras condições de desenvolvimento. A impossibilidade de manter o sustento das novas famílias constituídas em solo espírito-santense lançou-os rumo ao desconhecido, como os seus antepassados (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

A floresta que tanto impressionava os migrantes e é constantemente relatada nas narrativas dos descendentes era, no fim, a única chance de se tornarem proprietários de terras em solo mineiro. Assim, decidiram migrar em busca de novas oportunidades. Nessa perspectiva compreendem-se os esforços dessas famílias que chegaram à região de Itueta e Santa Rita do Itueto e logo compraram pequenas propriedades. Outras trabalharam como colonos e/ou meeiros em terras de familiares ou amigos, e mais tarde adquiriram sua própria terra (NICOLI, 2014, p.89-90).

A luta do cotidiano das famílias de migrantes, nos primeiros anos de chegada em terras mineiras, foi de desmatamento<sup>27</sup> para a formação das lavouras. Também, utilizando-se da madeira disponível na mata, construíram suas casas, currais e galpões para armazenar os produtos colhidos<sup>28</sup>. Sendo assim, ao longo dos anos e com toda a família na lavoura começaram a adquirir mais terra e gado. A produção era familiar e todos os homens, mulheres, e crianças a partir dos seis anos de idade trabalhavam na terra. De tal modo foram ampliando suas terras que se tornaram importantes produtores de café<sup>29</sup> de Itueta e Santa Rita do Itueto, além de criadores de gado para corte, produção de leite e queijo, até os dias atuais<sup>30</sup> (NICOLI e SIQUEIRA, 2012, p. 101).

Segundo Nicoli (2014) mesmo com a possibilidade de diversificação da atividade econômica, as famílias de origem italiana não praticaram uma pecuária extensiva, como ocorreu em outras localidades da Mesorregião do Vale do Rio Doce. Convém salientar que uma das especificidades dos municípios de Itueta e Santa Rita do Itueto, onde se contou com a ocupação de descendência italiana, foi a preservação das matas. Nos lugares em que foi preciso desmatar, utilizou-se a conservação dos topos dos morros. Assim, é possível observar logo ao chegar a essas localidades a diferença em relação à preservação das matas, cenário também observado nos municípios de Alfredo Chaves e Castelo no Espírito Santo. Reafirmamos que realmente isso é uma especificidade da ocupação de descendência italiana, pois, conforme afirmou Espíndola (2005b), os atos humanos

<sup>27</sup> Segundo Scalzer (2015, p. 148) “devemos ainda lembrar que todo esse processo ocorreu de forma paulatina. O desmatamento ocorreu em consonância com as necessidades dos imigrantes”.

<sup>28</sup> Destaca-se que tudo era produzido na propriedade. Só era comprado no pequeno comércio da região o que não produziam, tais como: sal, trigo e querosene; açúcar era artigo de muito luxo.

<sup>29</sup> O café era transportado pela Estrada de Ferro Vitória a Minas – EFVM. Na região do Vale do Rio Doce, a cultura do café concentrou-se nos municípios de Caratinga, Conselheiro Pena, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto (INFORMATIVO da Prefeitura Municipal de Santa Rita do Itueto, 2006).

<sup>30</sup> É interessante destacar que, segundo o Censo Agropecuário 2006, no município de Itueta 82,6% dos estabelecimentos rurais são propriedades de agricultura familiar. Essas propriedades ocupam 57% da área total utilizada. Em Santa Rita do Itueto 80,2% são propriedades de agricultura familiar de um total de 46,3% da área utilizada.

ocorrem dentro de uma rede de relações, processos e sistemas que são tão econômicos e sócio-culturais quanto ecológicos.

Merece destaque, também, a diferenciação no manejo da terra, no cuidado para com as ferramentas e implementos de plantar/colher, nas formas de plantar, de colher, de guardar e de limpar os alimentos. Somam-se a isso o cuidado e a preocupação com a preservação da terra e a manutenção da área verde, o cuidado com o “terreiro” e a organização do celeiro. Segundo os descendentes essa é uma herança que receberam de seus antepassados (NICOLI, 2014, p. 92).

O cotidiano dessas famílias em solo mineiro não foi diferente do que se presenciou em solo espírito-santense. O empenho do dia-a-dia se fez através de muito trabalho, para que o objetivo principal de se tornarem proprietários de suas terras se tornasse realidade. Os relatos a seguir evidenciam uma vida regradada no trabalho tanto pelos adultos quanto pelas crianças.

Como o Sr. S. Daros enfatizou em seu relato, a vida das famílias de origem italiana em solo mineiro foi lutar e trabalhar. A Sra. L. Marchioro que, com apenas 20 dias de vida, percorreu nos braços da mãe o trajeto do Espírito Santo até Minas Gerais, conta em seu relato a memória de uma infância regida por muito trabalho.

*E o tempo colhia bem. Colhia as coisas. Plantava o milho, plantava arroz, feijão, plantava café. A gente mesmo. Nós trabalhava. E o nosso pai não botô nós na escola. Nunca quis pô. Ele brigava com a gente para gente não ir na escola. Ele queria que a gente trabalhasse. [...]. Às vezes eu era muito pequena que não sabia direito ficava a outra irmã lá. Tomando conta. Então eu ia pra roça também junto. Fazia pouco, mas o pouco que fazia já ajudava. [...] Ah... A gente não, não tinha... a gente não tinha folga não. Só dia de domingo. Ah, eu também. Trabalhei demais. (L. Marchioro, 73 anos, Itueta).*

Ao recordar-se da sua infância, a Sra. M. Campos Dell’Horto a retratou assim:

*Ah, a minha infância foi a mais sofrida que vocês pensarem. Ah, eu trabalhava demais na roça. Com seis anos meu pai botava a gente na enxada. [...], trabalhava a semana inteira, quando chegava sábado e domingo a gente tinha que lavar roupa pra segunda-feira. É, costurava o domingo. [...]. Todo o serviço que num podia fazer na semana tinha que ser feito no domingo. A gente não tinha folga pra nada. Assim com seis anos a gente fazia comida, colocava no fogão assim, um caixote pra gente alcançar. É, foi muito sofrido. Eu puxava enxada o dia inteiro, eu tinha muita dor nas costas, sofri demais na roça. (M. Campos Dell’Horto, 55 anos, Resplendor).*

Nas suas lembranças, o Sr. A. Nicoli 1 destaca o tempo de trabalho na lavoura.

*Todo mundo trabalhava. Era mulher, homem, mulher casada, tudo ia para a roça. E nós de dia? No cabo da enxada. Pra enxada. O dia inteiro. Capinar café, dirigir café, panhar café, tudo. É, a vida era apertada. [...]. Meu Deus do céu! (A. Nicoli 1, 81 anos, Itueta).*

É significativo que as narrativas evoquem com frequência o cenário da mata e o árduo trabalho, revelando a estranheza das famílias que saíram de um ambiente já organizado no Espírito Santo e se deslocaram para uma região com poucos ou quase nenhum recursos. A referência à mata se torna fundamental para assinalar o esforço de transformação levado a cabo pelas famílias de migrantes italianos e descendentes. Esse esforço se complementa com as falas relativas à infância, cuja marca central é o trabalho (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

Em todas as narrativas está presente o intenso trabalho de toda a família, que se torna uma forte marca identitária desse grupo de migrantes que se estabeleceu nas terras mineiras em estudo. Para os imigrantes e seus descendentes, era o trabalho que os dignificava. Afinal, foi por esse ensejo que muitas famílias se deslocaram da Itália rumo ao Brasil, em busca de condições de trabalho e sobrevivência (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

Segundo Fausto (1991), os imigrantes e descendentes se dedicavam ao projeto de ascensão social pela via do trabalho rural. Assim, dedicados ao crescimento da renda iam adquirindo mais terras ou gado, ou plantando em maior escala.

A vida desde a infância era regrada pelo trabalho de “*estrela a estrela*”, como destacou o Sr. V. Magri ao falar sobre o cotidiano de seus antepassados e de todas as famílias de migrantes italianos em Minas que trabalhavam desde o amanhecer até o anoitecer. O ensino escolar não era uma prioridade.

A família era vista como unidade de produção. Dessa forma, matricular os filhos na escola diminuiria a mão-de-obra disponível para trabalhar na lavoura. Em alguns casos, porém, havia os que tinham o desejo de que os filhos aprendessem ao menos a ler e escrever, para isso providenciou-se a contratação de alguns professores práticos para ensinar esses aspectos básicos<sup>31</sup> conforme afirmou Nicoli (2014).

O relato do Sr. A. Nicoli 2 narra o que a maioria dos descendentes mais antigos contou sobre a escola. Estudar naquela época era algo extraordinário, pois a vida era regrada pelo trabalho. Houve a contratação de um professor para ensinar, numa casa, o básico para as crianças numa parte do dia e, à noite, para alguns adultos. Destaca-se que a frequência a essas aulas não duravam mais que dois meses.

*A escola, nossa [risos] aí naquele tempo, [...] é que a maioria do povo daqui da minha infância, [...] ficou igual eu mesmo. Todo mundo analfabeto. Ninguém estudô. [...] Ah, então a escola foi assim, eles ajuntaram o pessoal, a vizinhança do lugar, não havia escola da prefeitura, nem do Estado. Não havia escola! E nem casa de escola. Juntava o povo né, [...] naquela época, ajustava, ia buscar fora por que aqui num tinha não. [...], contratava esse [...] professor né. [...]. Aí os pai que pagava né, [...] pagava uma parte de cada um, [...]. Todo mundo pagava. [...] Os adulto só de noite, [...] porque de dia, já amanhecia no mato trabalhando. Só mesmo as crianças [...] é que ia à escola de dia. [...]. Então, naquela época, [...] eles arrumaram esse professor [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).*

Enfatiza-se que os filhos, netos e bisnetos dos imigrantes italianos se dedicaram ao trabalho e não tiveram a oportunidade de se dedicar aos estudos. Portanto, as gerações mais novas tiveram a oportunidade de se dedicar aos estudos, pois foram incentivados pelos pais.

Conforme Siqueira, França e Nicoli (2014) a participação das mulheres, tanto no âmbito doméstico quanto na lavoura, era importante para a economia familiar. Além dos serviços domésticos e educação dos filhos, também cuidavam da horta, terreiro, criações e participavam ativamente dos trabalhos na lavoura.

No entanto, o dia-a-dia das famílias nas terras de Itueta e Santa Rita do Ituetto não foi apenas de trabalho árduo. A semana era toda regrada pelo trabalho no campo, porém na maioria das noites de sábado conseguiam expor suas emoções e alegrias nos bailes e casamentos. As festividades religiosas e culturais também eram tidas como momentos de encontro com os amigos e vizinhos como afirma Nicoli e Siqueira (2012).

Realça-se que, como essas famílias de migrantes já haviam passado por um processo de reterritorialização em outro local, os traços culturais encontravam-se alterados em relação à originalidade italiana. Nesse sentido, tantos os traços de continuidade quanto os de descontinuidade em relação à cultura de origem foram essenciais para redefinirem a própria identidade nessa nova relação com o novo ambiente.

Descrevendo sobre reterritorialização e identidade, Saquet (2009, p. 214 ) enfatiza que a reterritorialização é “*uma reprodução de elementos do território anterior, em algumas de suas características. O velho é recriado no novo, num movimento concomitante de descontinuidade e continuidade, de superações*”.

---

<sup>31</sup> As aulas eram ministradas nas casas de algumas famílias, pois não havia um prédio próprio para o ensino escolar.

Conforme enfatizou Espíndola (2005a), as crenças, os valores e o ritmo de vida são ditados pela necessidade do trabalho, pelas condições modestas e pelas tradições herdadas. Assim, as famílias de migrantes italianos e descendentes trouxeram para Itueta e Santa Rita do Itueto, além de suas práticas de cultivo da terra, suas tradições, seus valores, suas festas e sua religiosidade que acabaram moldadas no novo ambiente.

A Sra. R. Benicá narrou o cotidiano das famílias de migrantes italianos nas terras mineiras em estudo, destacando o trabalho, a música italiana, a reza do terço e a tradicional macarronada com queijo e polenta. É interessante notar que o vinho é substituído pela aguardente. Segundo os relatos dos descendentes, isso ocorreu por ser a aguardente o produto mais acessível na época.

*Era só italianos! [...] E os italianos são muito alegre, muito felizes, [...], existe ainda, a tarantela, todo mundo cantando as músicas italiana, [...], que eles cantavam, quando eles vieram, [...]. Ah era assim, [...] trabalhavam muito. Mas era assim, todos feliz, [...] a tarde chegava do trabalho, tomava um banho, jantava, rezava o terço, [...]. Todo mundo ajoelhava nos banco na sala assim, rezava o terço depois ia dormir. Quando era no domingo, [...] todo mundo ia pro terço [...] numa igreja piquena, [...] aí rezava o terço. As mulheres ia embora, ficava em casa, né. [...], preparava a tradicional sopa de galinha com aquele macarrão talharim feito em casa, que era uma delícia, né. Gostoso com aqueles prato de queijo ralado enorme na mesa assim, e eles cozinhava a galinha e desfiava e botava nos prato a galinha desfiada e depois cozinhava o macarrão naquela água da galinha. Então aquela sopa succulenta, gostosa com [...] bastante queijo em volta, [...] num podia faltar à polenta [...]. Aí sentavam, iam cantar, rezar, [...]. Então era uma vida feliz, os homens jogavam é bola de pau até anoitecer, tomando sua cachacita, sua cachacinha, [...]. (R. Benicá, 70 anos, Santa Rita do Itueto).*

Havia comidas típicas, danças e canções italianas. Era um momento de encontro entre as famílias. Outros importantes momentos de lazer eram os bailes. No relato do Sr. A. Nicoli 2, há a descrição de como eram as festas das famílias de migrantes italianos e descendentes, e o Sr. J. Baptistin realça que a melhor festa era o baile.

*A festa que eles fazia, mais é de italiano aí nas época. Naquelas época, vamos dizer na comida, as comida que eles põe, num era negócio de churrasco, cerveja, esses trem. [...], era a bebida alcoólica e o vinho, vinho e alguma cachaça ou outras bebida quente, e a comida era um feijão, eles falava tutu de feijão. Hoje [...] eles fala feijão tropeiro, naquele tempo falava tutu de feijão. Fazia, macarrão à vontade, por exemplo, tipo comida assim, de servir mesa né, prato. Todo mundo comia no prato e mais as bebida era o vinho, um pouco de bebida alcoólica e eles cantava muito a música italiana. [...] Cantava aquelas músicas na língua italiana e tocava. Tinha [...] uns que tocava, uns italiano véio que tocava também... [...] Tocava a Sanfona. Mais essa sanfona oito baixo, trinta baixo, sanfona pequena, não era tanto a acordeon. Acordeon de poucos anos pra cá que saiu ela. E dançar, [...]. Nós dançava assim: o sol cobria lá... acendia as lamparina, era lampião nas parede assim, com óleo, lampião. Nós dançava das sete as sete da manhã ué. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).*

*Só tinha italiano em Santa Rita. [...] A festa era o [...] baile. Tinha muito baile. Dançava muito. [...], dançava todo mundo! (J. Baptistin, 85 anos, Conselheiro Pena).*

Mediante os relatos é possível destacar que as festas eram um momento de lazer, encontro e descontração das famílias de origem italiana. Havia além da dança, comida, bebida, canções em dialeto italiano e muita alegria. Ao se lembrarem dos bailes, há uma forte expressão de alegria e emoção, esquecendo assim, todo o duro trabalho do cotidiano.

Realça-se que as famílias de migrantes italianos e seus descendentes mantiveram uma relação de respeito e amizade com os não descendentes de italianos<sup>32</sup> que viviam na região. Entretanto, os casamentos só aconteciam entre as famílias de descendência italiana. O casamento com os

---

<sup>32</sup> Embora apenas uma pequena parte dos imigrantes tenha nascido na Itália, eles e seus descendentes se denominam italianos e atribuem aos não descendentes o adjetivo de “brasileiros”. Expressão muito comum na região: “nós e os brasileiros” ou “nós e os italianos” (NICOLI e SIQUEIRA, 2012).

brasileiros, como designavam os não descendentes, não era bem aceito. Até a terceira geração, raros são os que se casaram com não descendentes e, quando isso ocorria, era motivo de discriminação. A partir dos relatos dos descendentes mais antigos, o melhor era que se casassem entre os de mesma descendência, pois tinham os mesmos costumes, valores e virtudes. Atualmente, descendentes a partir da quarta geração parecem não possuir restrições ao casamento com não descendentes, mas ainda se referem a esses como “brasileiros” (SIQUEIRA, NICOLI e SANTOS, 2014).

Os relatos a seguir resumem o pensamento em relação ao matrimônio.

*O meu pai ele era muito racista. Nossa senhora! Ele não queria que nós casasse com brasileiro de jeito nenhum. Ele não queria que a gente misturasse a raça de jeito nenhum. Nossa mãe! Ele tratava muito bem, mas, misturar o sangue não. [...] Italiano com italiano. Ele falava: “brasileiro com brasileiro. Italiano com italiano”. (L. Marchioro, 73 anos, Itueta).*

*Tudo italiano! Oê cruzava, que oê num achava um brasileiro. Tudo italiano. [...] Nós casava tudo entre nós. (A. Benicá, 73 anos, Itueta).*

Os casamentos entre as famílias de migrantes italianos também eram comemorados com muita festa, comidas típicas, canções e danças italianas até o raiar do dia.

*Naquele tempo tinha as dança boa de dançar [...]. Aquele tempo nós dançava bem o xote, a valsa, a rancheira que alguém fala mazuca [...]. Era esses toque assim, que nós dançava, o xote. Pro ê ter uma idéia, dançava era sempre em casa [...] de assoalho [...], a sanfona, o italiano trata como remônica... [...] remônica [...]. E o sanfoneiro. Até o dia clarear... [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).*

Enfatiza-se que, entre os descendentes mais antigos residentes na região, ainda há a permanência da fala em dialeto italiano, danças, canções italianas e de comidas típicas. A culinária é uma das marcas mantidas pelos descendentes. A polenta cortada com barbante, ministrone ou minestra são ainda alimentos servidos nas festas, mantendo a memória daqueles que partiram da Itália em direção ao Brasil (SIQUEIRA, NICOLI e SANTOS, 2014).

É possível perceber que há uma adaptação identitária, especialmente aquela referente à culinária típica italiana. Alguns elementos são mantidos, como o vinho e o macarrão, porém outros elementos são inseridos como é o caso do feijão e da cachaça. Esses dois últimos são procedentes de uma tradição cabocla, disseminada pelos tropeiros que circulavam por todo o território interiorano, especialmente nos sertões (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

A maior relevância nas narrativas sobre os momentos fora das tarefas cotidianas é o momento festivo. Os relatos indicam que as festas eram de italianos, o que reforça a identidade do grupo e os elos de solidariedade e sociabilidade. A comida, a música e a dança traziam de volta momentos da terra natal e reconstituía, no novo território, um ambiente agradável e alegre, quando todos cantavam em dialeto italiano como se estivessem na Itália, tão distante e tão presente ao mesmo tempo (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

A migração reconfigura, conforme afirma Hall (2003), tanto o território de saída como o de destino. Nesse sentido, as famílias de imigrantes italianos trouxeram consigo seus costumes, valores, vocabulários, canções, danças, festas e comidas típicas que foram incorporados à sociedade daquela época, estando ainda presentes nos dias atuais. As tradições permaneceram, mas se modificaram em terras brasileiras. Foram, portanto, agentes de sua própria história, no sentido de construir seu próprio espaço num território desconhecido. Assimilaram novos costumes e mantiveram os traços culturais da sociedade de onde vieram, seja da Itália ou da localidade de onde partiram em direção a Minas Gerais. Realizou-se, neste sentido, o objetivo de fazerem das novas terras “la nuova pátria”. Nesse contexto, o novo território foi construído e apropriado, a partir das relações sociais e se tornou um território “italianizado” nas terras das Gerais conforme enfatizou (NICOLI, 2014).

A configuração social do território foi marcada pela pequena propriedade rural e pela cultura cafeeira. O imaginário sobre a Mesorregião mineira do Vale do Rio Doce, no início do século XIX, representou-a como fonte de riqueza a ser extraída, e foi na persistência desse imaginário que os imigrantes italianos e seus descendentes concretizaram seu sonho de aquisição de um pedaço de terra para a sobrevivência da família. Foi, de fato, na esperança de dias melhores e de sobrevivência das famílias que os migrantes italianos rumaram para o Sertão do Rio Doce (NICOLI, 2014, p. 102-103).

Nesse contexto, a chegada dessas famílias permitiu nova configuração ao território, inserindo novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores.

O passado e a memória desses atores sociais atualizam e intensificam a consciência de pertencimento, traduzida numa identidade étnica que aflora na história contada e recontada. Portanto, ao comprarem pedaços de terras em lugares inóspitos, buscavam, também, um solo onde também pudessem inscrever sua história e deixar suas marcas aos seus descendentes (NICOLI, 2014, p. 103).

### **A emigração rumo à terra dos *nonos***

Até os anos de 1950, o Brasil era reconhecido como um país receptor de imigrantes internacionais<sup>33</sup>. No entanto, a partir dos anos de 1960, há uma redução considerável no número de entrada de imigrantes. Nessa mudança de cenário, a Microrregião de Governador Valadares/ MG foi o ponto inicial da emigração de brasileiros para o exterior, principalmente para os Estados Unidos da América. Esse fluxo se espalha por toda a região e atinge, nos dias atuais, vários Estados brasileiros (SIQUEIRA, 2009).

Atualmente, na Microrregião de Aimorés<sup>34</sup>, é possível perceber um fluxo de saída de pessoas para o exterior, o que não deixa de afetar os descendentes das famílias de migrantes italianos de Itueta e Santa Rita do Itueto. Como consequência, desencadeia-se uma prática dos antepassados: a migração.

A mobilidade, atualmente, é diversificada e ocorre a partir dos países periféricos em direção aos países centrais. Esse novo panorama da mobilidade está ligado à nova dinâmica do capitalismo, marcado, principalmente, pela globalização da produção. Contudo, é importante ressaltar que são vários os fatores que possibilitaram o crescimento do atual fluxo de migrantes internacionais, tais como reestruturação econômica que internacionalizou a produção e possibilitou o surgimento de um espaço transnacional que facilitou a mobilidade do trabalho; a existência de um mercado secundário pouco atrativo para os trabalhadores nativos, mas extremamente interessante economicamente para os emigrantes; a formação de redes sociais nas quais trafegam as informações e os mecanismos facilitadores do projeto migratório (SIQUEIRA, 2009).

Enfatiza-se que com o passar dos anos e com o fracionamento das terras devido à herança dividida entre os muitos filhos das famílias de migrantes italianos em solo mineiro, a sobrevivência dos descendentes das gerações mais novas se tornou cada vez mais difícil, pois não havia mais a perspectiva de continuar tirando o sustento somente da terra. Essa situação, atrelada à procura pela independência financeira e pela melhoria da qualidade de vida, dentro dos novos padrões de consumo da atual sociedade acabou gerando um cenário que propiciou a emigração (NICOLI, GENOVEZ, SIQUEIRA, 2013).

Nesse contexto, trabalharemos, nessa parte do artigo, com o grupo constituído pelos descendentes, das gerações mais novas, que emigraram para a terra dos *nonos*, a Itália.

---

<sup>33</sup> Destaca-se que no período de 1890 a 1899, segundo os dados do IBGE, o Brasil recebeu um total de 1.129.000 imigrantes. Na década seguinte esse número caiu para 622.000, e aumentou nas duas próximas décadas. No período entre as duas guerras mundiais há uma redução significativa, voltando a crescer na década de 1950 a 1959. A partir dos anos de 1960 há uma redução considerável da entrada de estrangeiros no Brasil. Por essa razão o país foi reconhecido como receptor de imigrantes até os anos de 1950. Fonte: (<http://super.abril.com.br/multimedia/republica-imigrante-brasil-683294.shtml>).

<sup>34</sup> As Microrregiões de Aimorés e Governador Valadares pertencem a Mesorregião mineira do Vale do Rio Doce.



Nesse ponto, é importante destacar que muitos dos descendentes das gerações mais novas<sup>35</sup> escolheram migrar internamente em busca de trabalho ou para dar continuidade aos estudos. Outros escolheram a migração internacional como forma de atingirem seus objetivos e alcançarem uma melhoria da qualidade de vida. Tal circunstância fez com que muitos descendentes, a partir da década de 1990, começassem a buscar o reconhecimento da cidadania<sup>36</sup> italiana com o objetivo de emigrar conforme afirmou Nicoli (2014, p. 104).

A emigração de descendentes para a Itália, segundo Fernandes e Rigotti (2009), apresenta contornos diferentes em relação a outros destinos do continente europeu. A história da Itália, as relações estabelecidas com o Brasil no passado e as facilidades oferecidas pela legislação italiana para a obtenção<sup>37</sup> da segunda cidadania por descendentes de imigrantes que chegaram às terras brasileiras no final do século XIX e início do XX, são fatores que contribuem para esta diferença e devem ser levados em consideração.

Parte da Europa, a partir da segunda metade do século XX, passou a ser destino de imigrantes. Países europeus que antes eram considerados como “exportadores” de mão-de-obra, passam a ser grandes “importadores” de mão-de-obra a partir do final do século XX e início do século XXI conforme afirma Fernandes e Rigotti (2009).

A migração internacional de brasileiros, dentro desse novo contexto, é pouco significativa em termos de volume, se comparada a outros países, mas é consequência do mesmo processo de transformações econômicas e sociais, resultantes do novo paradigma da economia mundial. [...] O destino da maioria dos brasileiros [são] os Estados Unidos, em razão, principalmente, das possibilidades de trabalho e das redes de relações que disseminam informações sobre o mercado de trabalho e criam mecanismos facilitadores para o processo de emigração (SIQUEIRA, 2009, p. 65).

Desde a segunda metade dos anos de 1980, o fluxo migratório internacional da Mesorregião do Vale do Rio Doce é marcadamente direcionado para os Estados Unidos da América. Mesmo que no decorrer do tempo ocorra uma mudança nos planos iniciais, a maioria desses emigrantes tem como projeto retornar e investir na sua região de origem, objetivando melhorar sua condição socioeconômica conforme ressalta Siqueira (2009).

Inicialmente os descendentes de Itueta e Santa Rita do Itueto seguiram o mesmo fluxo, emigrando para os Estados Unidos da América. Porém o documento de dupla cidadania, que possibilita a entrada no território norte-americano sem o visto, não garante a inserção no mercado de trabalho. Portanto, ao exercer atividades laborais remuneradas, esses emigrantes tornavam-se indocumentados<sup>38</sup> como destaca Siqueira, Nicoli e Santos (2014).

Com o atentado das torres gêmeas em setembro de 2001 e, conseqüentemente, o acirramento da fiscalização da Imigração norte-americana, o destino dos emigrantes em estudo muda de direção. Passam a se deslocar para o norte da Itália – a mesma região de origem dos seus antepassados.

É certo que o documento de dupla cidadania é um fator determinante para escolherem emigrar para a Itália, pois através dele conseguem trabalhar e viver documentados no país. Estão livres dos constrangimentos de serem indocumentados, como é o caso dos que emigram para os Estados

---

<sup>35</sup> Durante a pesquisa de campo com os descendentes que emigraram para a Itália, foi possível constatar que é a partir da quarta geração que se configura a emigração para o exterior.

<sup>36</sup> “A Dupla nacionalidade, comumente referida também como dupla-cidadania, é um *status* no qual um indivíduo é titular da nacionalidade de dois Estados nacionais concomitantemente. A dupla-nacionalidade é, portanto, um *status* derivado simplesmente da acumulação de duas nacionalidades, autônomas entre elas” (<http://societaitalianapiracicaba.com/dupla-cidadania/> acesso em 23/12/2013). Destaca-se que o Brasil autoriza a obtenção de outra nacionalidade. A Itália permite a obtenção de sua nacionalidade por *jus sanguinis*. No caso dos descendentes de imigrantes italianos, a obtenção da dupla cidadania é por *jus soli* (Brasil) e por *jus sanguinis* (Itália), ou seja, pela ancestralidade comprovada.

<sup>37</sup> Na Europa, somente a Itália permite a obtenção da nacionalidade por bisnetos de imigrantes e, em algumas situações, mais além dessa ascendência familiar. A facilidade em se conseguir o documento de dupla cidadania tem atraído muitos descendentes (FERNANDES e RIGOTTI, 2009).

<sup>38</sup> Consideramos o termo “ilegal” inapropriado para se referir ao emigrante, por essa razão utilizamos o termo indocumentado.

Unidos da América. Outro fator é o desejo de conhecer a Itália das histórias ouvidas desde a infância, contadas pelos seus pais e *nonos*. Cresceram ouvindo que eram italianos nascidos no Brasil, portanto diferente dos “brasileiros” (NICOLI, 2014, p. 108).

Observamos que a ideia de identidade italiana e, especialmente, de uma identidade diferenciada da brasileira, permeia o projeto de emigração para a Itália, por outro lado é a ideia de continuidade nacional, de manutenção da cultura da pátria-mãe, mesmo no caso de imigrantes de mais de um século, que permite pensar o projeto migratório como uma imigração de retorno (SANTOS e ZANINI, 2012, p. 06).

*Um dos principal motivo, eu tinha interesse de conhecer a Itália, saber de onde a minha origem foi, [...] um princípio meu, né, de onde [...], meus bisavó vieram, né. Tudo se originou de lá, né, então esse era um interesse meu de ir lá. E um interesse que eu também já fui [...], pra trabalhar, [...].* (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta).

Aliado a esses fatores, outro aspecto foi decisivo: os primeiros que emigraram para a região norte da Itália tinham a informação de que havia grandes possibilidades de trabalho.

*Ah, eles [os primeiros] disseram que a região lá [Itália] era muito desenvolvida, tinha muita necessidade de mão-de-obra. Por ser muito desenvolvida é que precisava de pessoas pra trabalhar, é aí que o imigrante entra. E como nós temos o documento fica bem mais fácil.* (E. Mighiorin, 39 anos, Santa Rita do Itueto).

Descrevendo sobre o documento de dupla cidadania, Tedesco (2010, p. 25) ressalta que “[...] não há projetos de envolvimento cultural de pertencimento, ou melhor, uma comum identidade; é apenas uma oportunidade instrumental para o mundo do trabalho para ambos os envolvidos (imigrantes e país de destino), [...]”.

Refletindo sobre essa questão, é importante destacar que a dispersão de povos e culturas através de espaços geográficos, no início do século XXI, tem colocado novos sentidos para os deslocamentos diferentemente dos iniciados a partir da segunda metade do século XIX. São vários grupos de migrantes que se espalham pelo mundo, cruzando fronteiras e reconstruindo identidades (NICOLI, 2014).

Enfatiza-se que a cidadania italiana é um facilitador para essa mobilidade espacial, contudo, outros fatores devem ser considerados, como, por exemplo, a possibilidade de ganhar dinheiro, em um curto espaço de tempo, resolver os problemas financeiros e retornar para o país de origem, neste caso, o Brasil.

Segundo Nicoli (2014) os italianos que imigraram para o Brasil, carregavam consigo o desejo de recriar em solo brasileiro uma nova Itália. Vieram para ficar e aqui constituir suas famílias em melhores condições do que na sua terra natal. Diferentemente, os descendentes desses imigrantes, emigraram com o principal objetivo de trabalhar, fazer poupança, investir e retornar para o local de origem.

### **A descoberta de ser “extra comuni” na terra dos antepassados**

O território formado e apropriado a partir das relações sociais nos municípios de Itueta e Santa Rita do Itueto, ou seja, o território “italianizado” deixou marcas e histórias por gerações. De tal modo que, os descendentes que emigraram continham informações de uma Itália ainda do século XIX. Por isso, ao chegarem a terras italianas, todas as informações que guardavam na memória foram desconstruídas conforme afirma Nicoli (2014).

Em relação à Itália contada pelos antepassados e a atual Itália, o descendente P. Magri relata que:

*Os italianos antigos daqui [Itueta e Santa Rita do Itueto] também preservam muita coisa e destacam que é de italiano. Mas nós mais novos não estamos preservando tanto quanto eles. Lá na Itália eu percebi isso também, porém com os mais idosos, agora com os mais*

*novos, estão muito pior que nós, de italianos eles num têm nada.* (P. Magri, 23 anos, Santa Rita do Itueto).

Destaca-se que os descendentes emigrantes das localidades em estudo chegam à Itália com o documento de dupla cidadania, confiando estar nas mesmas condições do italiano nativo. Porém, em seus relatos, confirmam a desilusão em relação ao tratamento recebido como cidadãos italianos. O documento de cidadania ajudou na inserção legal no trabalho, mas não na sociedade italiana. São estrangeiros e só conseguem se inserir no mercado de trabalho secundário (NICOLI e SIQUEIRA, 2012, p. 106).

A emigração para a Itália de descendentes de italianos, talvez, crie condições para a reavaliação e ressignificação de seu pertencimento, pois o imigrante é, sim, concebido como mercadoria, como força de trabalho pelas várias expressões do capital na sociedade de destino e, desse modo, encontra barreiras que se fecham e se abrem em razão de conveniências e interesses produzidos no interior do país de destino (TEDESCO, 2010, p.30).

A cultura vivenciada, na origem, a partir do dialeto, dos cantos, da culinária, das festas típicas italianas e da memória dos antepassados, não lhes ofereceu nenhuma identidade italiana que promovesse a inserção na sociedade de destino, ao contrário, lá se perceberam estrangeiros, ou seja, brasileiros. Assim, toda identidade italiana que os definia no local de origem foi desmontada, ao se perceberem como qualquer outro estrangeiro no país que acreditavam ser parte de sua identidade conforme afirmou Nicoli e Siqueira (2012, p. 106).

No final do século XX e início do XXI, muitos descendentes de imigrantes italianos voltaram para a Itália em busca de emprego e melhores condições de vida, no entanto, apesar de possuírem cidadania italiana, frequentemente acabaram sendo tratados como “estrangeiros” no mundo europeu e italiano (SANTOS e ZANINI, 2012, p. 01).

Segundo Sayad (1998) a cultura se refere a um conjunto de referenciais que permitem a cada membro de uma sociedade movimentar-se, expressar-se, pensar, amar, trabalhar, evitando o medo, se protegendo do desconhecido.

Sobre a diferença que sentiu ao chegar à terra de origem dos antepassados, a descendente de migrantes italianos A. Casagrande<sup>39</sup> narra que no contato com o país de origem de seus antepassados, os descendentes emigrantes são tratados como estrangeiros.

*Na verdade quando eu cheguei lá eu levei um susto, era tudo novo, era uma experiência nova. [...], então quando eu fui para Itália eu achei assim, por eu ser descendente de italiano eu achei que eu fosse chegar lá que seria outra coisa. Eu iria chegar e ser um povo mais acolhedor mais assim, só que na verdade não. [...]. Mas na verdade não, eles são muito acolhedores quando são turistas, então quando você vai realmente trabalhar muda um pouquinho o negócio, mas só que eu fui me adaptando tinha que me adaptar. Depois eu fui aprendendo a língua porque no início eu fiquei assustada não sabia a língua, não estava trabalhando, eu queria trabalhar e tudo. Depois eu fui me acostumando, eu aprendi a língua [...].* (A. Casagrande, 32 anos, Toscana).

Assim como A. Casagrande, E. Mighiorin enfatizou em seu relato o impacto que sentiu ao chegar às terras dos antepassados.

*Foi muito grande assim, foi muito grande, muito grande. Que você chegar num país que sua família, seu sangue tá ali né, nós somos descendentes de italiano. Então nosso sangue é italiano, mesmo que nós nascemos no Brasil. Aquilo dos nossos avós, no caso, e tudo fica no sangue. Eu tinha uma ideia assim muito forte, muito forte mesmo que era tudo certinho né, [...], mas, [...] a gente tem impacto assim, que não é aquilo que a gente pensava. [...]. Muita diferença!* (E. Mighiorin, 39 anos, Santa Rita do Itueto).

---

<sup>39</sup> Enfatiza-se que apenas essa entrevistada estava a passeio no Brasil, por isso, será colocada a região de residência na Itália.

Segundo Seyferth (2007) pertencer dá noção de uma ressonância moral, de vizinhança, de compartilhar do mesmo sangue, do mesmo espaço, de uma contratualidade cultural e simbólica acima de tudo, de identidade coletiva e genealógica.

O descendente P. Magri também descreve o sentimento de estranhamento ao chegar à terra dos *nonos*.

*Aqui nós somos considerados italianos. Somos vistos como diferentes. Não tanto atualmente, mas somos diferenciados dos que não tem origem italiana. Quando a gente chega lá descobre que somos mais parecidos com os brasileiros do que com os italianos de lá. Eles nos consideram e nós nos sentimos estrangeiros. Como eles mesmos sempre falam: “extra comuni”. Nós somos de fora da sociedade deles. (P. Magri, 23 anos, Santa Rita do Itueto).*

Tedesco (2010, p. 27-28) destaca que “a noção de extracomunitário, sua lógica e efetivação cotidiana e prática no mundo do trabalho, transcende esses vínculos históricos e de sangue [...]”.

É possível enfatizar, segundo Nicoli (2014, p. 114), que os descendentes mais antigos residentes em Itueta e Santa Rita do Itueto consideram-se italianos nascidos no Brasil e, portanto, diferentes dos brasileiros. Isso é confirmado em seus relatos quando se referem a si mesmos como “nós italianos” e aos outros como “os brasileiros”. Essa mesma perspectiva encontra-se nos descendentes que emigraram para a Itália. No relato acima, fica evidente que o entrevistado considera-se diferente dos brasileiros que não possui origem italiana. Entretanto, o contato com os italianos nativos o fez perceber-se mais brasileiro. Todos os costumes cultivados na origem e que os diferenciavam dos brasileiros não são identificados quando chegam à Itália.

*Mesmo que somos descendentes de italianos, temos o documento de cidadania concedido pelo Consulado da Itália no Brasil, lá nós somos vistos como estrangeiros, latinos, brasileiros. Nada do que nos define aqui no nosso local como italianos existe lá [Itália]. [...] Descobrimos que somos brasileiros mais lá do que aqui [Brasil]. Nem língua, nem comida, nem costumes nos ajudam a ser reconhecidos como italianos como aqui no nosso local. [...] Eles [italianos] compreendem que somos descendentes e temos direitos e deveres como italianos, mas não nos consideram como tais. (J. B. Magri, 35 anos, Santa Rita do Itueto).*

O passaporte, símbolo concreto de pertencimento, possibilita a muitos destes descendentes se sentirem, de fato, parte da comunidade italiana. Para aqueles que efetuam a travessia da América para a Europa, fazer tal caminho tendo em mãos a prova de pertencimento é algo muito importante. Contudo, após a chegada no mundo europeu, o que observam é que, de fato, não são percebidos como iguais. São estrangeiros, mesmo possuindo comprovadamente a cidadania italiana e se sentindo italianos de fato e de direito (SANTOS e ZANINI, 2012, p.07).

Ao retornarem para as localidades mineiras em estudo, demonstram que estar na terra dos antepassados os fez ver que esta não era o que imaginaram ao sair do Brasil. A Itália da memória dos pais, avôs e bisavôs ficou num passado distante, uma Itália ainda do século XIX impregnada nas memórias. Na atual Itália não está presente a Itália de suas memórias (NICOLI, 2014).

Assim, enquanto as famílias de imigrantes italianos chegaram às terras brasileiras com o objetivo de nelas permanecerem, os descendentes emigram para a Itália com o projeto de retornar ao Brasil e investirem nas mesmas atividades rurais de seus antepassados e em outras atividades. Essas práticas têm reconfigurado a economia local, pois a maioria dos investimentos são nos próprios municípios de Itueta e Santa Rita do Itueto e/ou proximidades.

Em seu relato, E. Mighiorin demonstra a diferença do seu projeto migratório em relação ao dos seus antepassados, descrevendo que o caminho inverso percorrido por ele também tem diferentes propósitos.

*Vieram é pra ter mais terra com certeza. Mas, quando chegaram [...] foram um impacto também né. Vieram sem nada, acredito que quase todos né, na época de [...] mil oitocentos,*

*[...] pela história que eu já ouvi falar [...]. Vieram pra crescer aqui como depois nós retornamos pra lá pra crescer. Isso... que foi o inverso assim.* (E. Mighiorin, 39 anos, Santa Rita do Itueto).

Os descendentes que fazem o movimento migratório inverso ao dos seus antepassados, ao chegarem às terras italianas percebem-se brasileiros, pois não encontram a Itália reconstruída pela memória transmitida por seus *nonos*. O relato de J. B. Magri resume essa ideia.

*A nossa terra, a nossa vida, o nosso território é aqui! É no Brasil. Somos descendentes de italianos, mas nascemos no Brasil.* (J. B. Magri, 35 anos, Santa Rita do Itueto).

Nesse sentido, os descendentes das famílias de imigrantes se vêem como parte de um processo histórico compartilhado. As histórias da imigração italiana para o Brasil são contadas e recontadas com o objetivo de marcar a sua grandeza. Tais narrativas permitem a continuidade de uma noção de pertencimento fundamentada no mundo de origem italiana. Na trajetória migratória, a ideia de italianidade construída pelos *nonos* e transmitida aos descendentes é desconstruída, pois ao chegarem à Itália percebem-se brasileiros.

### **Considerações Finais**

Este estudo analisou o movimento migratório ocorrido em Itueta e Santa Rita do Itueto nas Minas Gerais a partir do início do século XX. Através dos relatos orais, entrevistas em profundidade e referenciais teóricos, conclui-se que a chegada de famílias de origem italiana promoveu uma nova configuração a esse território, inserindo novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores. A partida de seus descendentes, das gerações mais novas, para a Itália, a partir do final do século XX, tem reconfigurado o território e a economia local.

As famílias de origem italiana, no processo de reterritorialização e territorialização, imprimiram marcas e deixaram vestígios no tempo e no espaço construindo “territórios italianizados” apropriados e dominados a partir das relações sociais estabelecidas.

A emigração dos descendentes, das gerações mais novas, para a Itália tem como objetivo a busca da independência financeira e a melhoria da qualidade de vida. O documento de dupla cidadania e a possibilidade de conhecer a Itália das histórias ouvidas desde a infância são fatores determinantes pela escolha do destino. A cultura vivenciada, na origem, não garantiu nenhuma identidade italiana que promovesse a inserção, desses descendentes, na sociedade de destino.

Ao retornarem às localidades de Itueta e Santa Rita do Itueto descrevem que estar na terra dos antepassados mostrou-lhes que aquela terra não era o que imaginaram ao sair do Brasil. A Itália da memória ficou num passado distante, em uma Itália ainda do século XIX.

Ao imigraram para o Brasil, os italianos carregavam consigo o desejo de recriar em solo brasileiro uma nova Itália. Diferentemente, os descendentes que emigraram no trajeto inverso, têm como principal objetivo, trabalhar, fazer poupança, retornar e investir no local de origem. Assim, enquanto as famílias italianas objetivavam construir suas vidas no destino, seus descendentes as constroem na origem.

## **Fontes Orais**

### **Relatos Orais**

- A. Benicá, 73 anos. Relato Oral realizado pela autora em 13/10/2011. Itueta/MG.
- A. Bersan, 94 anos. Relato Oral realizado pela autora em 07/09/2011. Resplendor/MG.
- A. Nicoli 1, 81 anos. Relato Oral realizado pela autora em 13/10/2011. Itueta/MG.
- A. Nicoli 2, 81 anos. Relato Oral realizado pela autora em 08/09/2011. Itueta/MG.
- J. Baptistin, 85 anos. Relato Oral realizado pela autora em 14/10/2011. Conselheiro Pena/MG.
- J. Magri, 67 anos. Relato Oral realizado pela autora em 25/02/2012. Santa Rita do Itueto/MG.
- J. Ton, 65 anos. Relato Oral realizado pela autora em 14/10/2011. Santa Rita do Itueto/MG.
- L. Marchioro, 73 anos. Relato Oral realizado pela autora em 13/10/2011. Itueta/MG.
- M. Campos Dell'Horto, 55 anos. Relato Oral realizado pela autora em 07/09/2011. Resplendor/MG.
- M. Ton, 77 anos. Relato Oral realizado pela autora em 29/07/2012. Santa Rita do Itueto/MG.
- N. Nicoli, 58 anos. Relato Oral realizado pela autora em 12/11/2012. Itueta/MG.
- R. Benicá, 70 anos. Relato Oral realizado pela autora em 24/02/2012. Santa Rita do Itueto/MG.
- S. Daros, 97 anos. Relato Oral realizado pela autora em 24/02/2012. Santa Rita do Itueto/MG.
- V. Magri, 71 anos. Relato Oral realizado pela autora em 14/10/2011. Santa Rita do Itueto/MG.

### **Entrevistas em Profundidade**

- A. Casagrande, 32 anos. Entrevista realizada pela autora em 06/09/2011. Itueta/MG. (No momento da pesquisa de campo, a descendente estava a passeio no Brasil. Reside atualmente na região da Toscana, na Itália).
- E. Mighiorin, 39 anos. Entrevista realizada pela autora em 11/07/2012. Santa Rita do Itueto/MG.
- J. B. Magri, 35 anos. Entrevista realizada pela autora em 21/04/2012. Santa Rita do Itueto/MG.
- P. Magri, 23 anos. Entrevista realizada pela autora em 25/08/2012. Santa Rita do Itueto/MG.
- M. Fazzolo, 31 anos. Entrevista realizada pela autora em 27/02/2012. Itueta/MG.

### **Referências Bibliográficas**

- BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org) **Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP-1995. v. 1 p. 3-35.

BONI, Luís Alberto de (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. 2 vol.

BRITO, Adilson Aguiar; PINHEIRO, Tiago Cisalpino. O processo econômico de ocupação do Médio Rio Doce. In: REZENDE, Marcos; ÁLVAREZ, Ricardo. (Org). **Era Tudo Mata**: o processo de colonização do Médio Rio Doce e a formação dos municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor. Belo Horizonte, MG: Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés, 2009.

BUSATTO, Luiz. Dilemas do imigrante italiano no Espírito Santo. In: BONI, Luís Alberto de (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. 2 vol.

CASAGRANDE, André Dell'Orto; BARBIERO, Maria Helena Mion. “Castelo da Pré História ao Início do Século XX”. 2 Edição. Castelo/ES. 2012. Disponível em: [http://www.castelo.es.gov.br/site/municipio\\_livro.asp](http://www.castelo.es.gov.br/site/municipio_livro.asp)

COLBARI, Antonia. Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. **Revista Brasileira de História**. vol. 17 n. 34. São Paulo, 1997.

DADALTO, Maria Cristina. **A imigração Tece a Cidade – polo industrial de Colatina**. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2009.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. Práticas Econômicas e Meio Ambiente na Ocupação do Sertão do Rio Doce. “**Caderno de Filosofia e Ciência Humanas**”, da Faculdade de Ciências Humanas e Letras do Centro Universitário Newton de Paiva. Ano VIII, número 14, abril de 2000.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Vida Rural: Usos, Costumes e Objetos**. Projeto de Prática de História III e IV. Governador Valadares. Fevereiro-julho de 2005a. Projeto Pedagógico do Curso de História e Projeto intitulado “Memória, Documentação e Cotidiano”, aprovado pela Resolução CONSEPE 029/2000.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Elementos biológicos no processo de configuração social do território: capim-colônia e latifúndio na região do Rio Doce**. Governador Valadares. Fevereiro-julho de 2005b. Projeto Pedagógico do Curso de História e Projeto intitulado “Memória, Documentação e Cotidiano”, aprovado pela Resolução CONSEPE 029/2000.

FAUSTO, Boris. 1930 - **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991.

FERNANDES, Duval Magalhães.; RIGOTTI, José Irineu Rangel. Os Brasileiros na Europa: notas introdutórias. In: Anais da I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior - “Brasileiros no Mundo”. Fundação Alexandre Gusmão, Brasília, 2009.

GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café**: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- INFORMATIVO da Prefeitura Municipal de Santa Rita do Itueto – “Compromisso com o Agricultor”. Santa Rita do Itueto. 2006.
- KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro *et al.* **Muitas memórias, Outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2004. p. 116-138.
- MARANDOLA, Eduardo Jr.; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 27, n. 2. Rio de Janeiro, p. 407-424, jul./dez. 2010.
- MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e Colonização em Minas 1889-1930**. Editora Itatiaia Limitada. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1994. Vol. 188.
- NICOLI, Sandra. SIQUEIRA, Sueli. Microrregião de Aimorés: território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In: GUEDES, Gilvan Ramalho; OJIMA, Ricardo (org.). **Território: mobilidade populacional: ambiente**. Governador Valadares: Editora Univale, 2012.
- NICOLI, Sandra., GENOVEZ, Patrícia Falco., SIQUEIRA, Sueli. Migração, Memória e Território: os descendentes de imigrantes italianos da Microrregião de Aimorés/MG. **Revista História & Perspectivas**. Dossiê: História do Crime, da polícia e da justiça criminal, v. 26, nº 49 (2013). Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. Revista Eletrônica. <http://www.historiaperspectivas.inhis.ufu.br>
- NICOLI, Sandra. //Emigração em Itueta e Santa Rita do Itueto – a chegada dos *nonos* e a partida de seus descendentes para o norte da Itália. Dissertação (mestrado). Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2014.
- PAULA, Sérgio Peres de. **Fazenda do Centro: imigração e colonização italiana no sul do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Castelo: Instituto Frei Manuel Simón, 2013.
- PIERRON, Jean Philippe. **Sols et civilisation. Une approche poétique du territoire**. *Études*, N. 3983, 2003, pp. 333-345. Traduzido por José Luiz Cazarotto (ad instar manuscrito).
- POSENATO, Júlio. Arquitetura e imigração italiana no Espírito santo. In: CASTIGLIONI, Aurélia H (org). **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. Vitória: UFES, 1998.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. Os estudos históricos sobre a imigração no Brasil. In: PACELLI, Ademir *et al* (orgs.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 99-101.
- SANTOS, Miriam de Oliveira.; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Memórias compartilhadas e comunidades imaginadas: os italianos al estero e suas relações com a emigração contemporânea para a Itália. In: XI Encontro Nacional de História Oral. Rio de Janeiro. 2012. <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/>, 2012. v. 1. p. 1-8.



- SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: O desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre: Edições EST, 2003.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Reterritorialização e identidade. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (org.). **Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCALZER, Simone Zamprognio. **O Núcleo Timbuy/Santa Teresa (ES). Entre a memória e a história**. Rio de Janeiro. Ed. Multifoco, 2015.
- SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SEYFERTH, Giralda. PÓVOA, Helion. ZANINI, Maria Catarina. SANTOS, Miriam (org). **Mundos em movimento: ensaios sobre migrações**. Santa Maria/RS. Ed. UFSM, 2007.
- SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência E Conhecimento** – Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo – Vol. 01, 2007, História, A.2.
- SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
- SIQUEIRA, Siqueira. FRANÇA, Ariele Cristina Martins de. NICOLI, Sandra. A saga das mulheres italianas e descendentes no projeto migratório. Microrregião de Aimorés/MG. In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; BENEDUZI, Luís Fernando (Org.). (Org.). **Os pequenos pontos de partida: novos e (imigrantes) rumo à Itália no século XXI**. 1ed. Curitiba/PR: CRV, 2014, v. 1, p. 65-82.
- SIQUEIRA, Sueli. NICOLI, Sandra. SANTOS, Mauro Augusto. Os italianos e seus descendentes no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais: a chegada dos italianos e a emigração dos descendentes para Itália. In: BENEDUZI, Luís Fernando; ASSIS, Gláucia de Oliveira (Org.). **Narrativas de Gênero - Relatos de História Oral: experiências de ítalo-brasileiros na Itália Contemporânea**. 1ed. Vitória/ES: EDUFES, 2014, v.1, p. 191-216.
- TEDESCO, João Carlos. Do Brasil à Itália: processos históricos e culturais de uma nova realidade emigratória. *Travessia – Revista do Migrante*. São Paulo, 2010. v. 67, p. 21-36.
- TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.
- VAINER, Carlos B. Estado e Migrações no Brasil: Anotações para uma história das políticas migratórias. *Travessia*. A Revista do Migrante/Janeiro-Abril, São Paulo, 2000.